

## De hello ao hallo – uma abordagem intercultural e plurilingual no ensino precoce de línguas estrangeiras

### Sandra Antunes

EB1 Bouça Nova/ EB1 Bairral  
[sandracostantunes@sapo.pt](mailto:sandracostantunes@sapo.pt)

### Sílvia Teixeira

EB1 da Estação (Caíde)/ EB1 de Corgo  
[silviateixeira\\_@hotmail.com](mailto:silviateixeira_@hotmail.com)

### Mário Cruz

Centro de Investigação em Didáctica e Tecnologia e Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro<sup>1</sup>

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti  
[mariocruz@me.com](mailto:mariocruz@me.com)

---

### Resumo

Neste artigo apresentaremos uma breve perspectiva de um projecto de investigação que se centrou na competência de intercompreensão, que, por sua vez, se encontra associada às competências de comunicação intercultural e plurilingual. A nossa intenção foi despertar nos nossos aprendentes a curiosidade para com outras línguas e culturas para além da portuguesa e inglesa. Escolhemos, assim, o Alemão e o Neerlandês, por pertencerem, tal como o Inglês, à mesma família linguística e, principalmente, por apresentarem enquanto línguas bastantes semelhanças. Quisemos sensibilizar os nossos aprendentes para as línguas germânicas, de forma a terem a oportunidade de alargarem os seus horizontes linguísticos e culturais. Para tal elaborámos várias estratégias e materiais sempre com o objectivo de os manter motivados e interessados em conhecer o desconhecido.

Nesta breve reflexão, apresentaremos as competências fulcrais do nosso projecto, isto é, a competência de intercompreensão, a competência de comunicação intercultural e a competência plurilingues, assim como também as estratégias e os materiais usados em quatro aulas de sensibilização às três línguas germânicas.

### Palavras-chave

competência de intercompreensão, a competência de comunicação intercultural e a competência plurilingues

---

### Resumo

This article presents a brief overview of a research project which focused on the intercomprehension competence, which in its turn it is linked to the skills of intercultural communicative and plurilingual competence. Our intention was to arise in our pupils the curiosity for learning other languages and cultures in addition to Portuguese and English. Therefore, we chose German and Dutch languages because they belong to the same linguistic family, and mainly because they present many similarities as languages. We exposed our learners to the Germanic languages, so that they could have the opportunity to broaden their linguistic and cultural horizons. We developed several strategies and materials with the aim to keep them motivated and interested in knowing the unknown.

In this brief reflection, we present the core competencies of our project, i.e., the intercomprehension competence, the intercultural communicative competence and the plurilingual competence, as well as strategies and materials used in four classes of early language teaching of three Germanic languages.

---

<sup>1</sup> Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

## **Introdução**

O presente estudo diz respeito à sensibilização dos aprendentes para as línguas germânicas como o Alemão, o Neerlandês e o Inglês.

Ao pensarmos no nosso projecto de investigação e após toda uma análise da literatura, chegámos à conclusão de que a nossa finalidade seria: despertar nos aprendentes a vontade de conhecer e aprender outras línguas germânicas; desenvolver a intercompreensão pela descoberta e confronto de aspectos linguístico-culturais das línguas em causa; valorizar o repertório linguístico dos aprendentes como ponto de partida para o desenvolvimento de uma competência plurilingue e pluricultural;

O objectivo principal desta investigação foi uma abordagem intercultural e plurilingue no Ensino Precoce de Línguas Estrangeiras. Para que essa sensibilização alcançasse um lugar preponderante nas quatro aulas, que foram filmadas, foi imprescindível desenvolver a competência de intercompreensão, através de determinadas estratégias e materiais previamente criados, uma vez que é aquela competência que poderá transmitir uma visão positiva da diversidade linguística e cultural. Um dos seus objectivos é levar os aprendentes a reorganizar e transferir o seu conhecimento linguístico e cultural, bem como as suas capacidades linguístico-comunicativas, de forma a desenvolver uma competência comunicativa que se deseja ser plurilingue.

A aprendizagem precoce de uma língua estrangeira pode ajudar as crianças a desenvolver uma tolerância para com os outros povos que lhes são diferentes e permitir a compreensão entre sujeitos. Os principais objectivos deste ensino-aprendizagem prendem-se com um desenvolvimento de atitudes sócio-afectivas para com as diferentes línguas e culturas das crianças, de forma a desenvolver também aspectos de carácter cognitivo.

Desta forma, não se pode deixar de ter em mente que a “aula de língua estrangeira é potenciadora da ampliação da visão da criança sobre o mundo, seus povos, suas línguas e suas culturas” (Cruz & Cruz, 2006). Assim sendo, é fundamental que a aprendizagem de uma língua estrangeira parta da biografia linguística da própria criança, de forma a valorizar ao máximo a sua língua materna como ponto de partida para a aquisição da(s) língua(s)-alvo.

Contudo, pode salientar-se que as dificuldades que possam surgir na aprendizagem da língua materna poderão ser colmatadas com o recurso a uma ou mais línguas estrangeiras, uma vez que “o contacto com uma outra língua não só é compatível com o domínio da língua materna, como ainda a favorece” (Strecht-Ribeiro, 1988). Na realidade, o plurilinguismo ajuda as crianças a compreenderem melhor a sua língua materna, já que desta forma elas possuem a oportunidade de comparar as diferentes línguas.

Porém, a língua é indissociável da cultura. De facto, a língua e cultura são dois instrumentos inseparáveis, como afirma Oliveira (2000). A língua é um instrumento vivo e em constante desenvolvimento. Dia após dia, ela é influenciada pela cultura, seja na escrita ou na fala. Neste sentido, “(...) dificilmente língua e cultura podem ser separadas. Consideramos que a língua é um dos sistemas de expressão de uma cultura e que diferentes línguas apresentam preferências que são influenciadas pela cultura” (Oliveira, 2000). As línguas funcionam, assim, como uma “chave que dá acesso às culturas e de serem encaradas como expressões das culturas. Por isso, o ensino da língua estrangeira organiza-se habitualmente de uma forma sequencial” (Moreira, 2002).

---

## **1. Competências fulcrais no desenvolvimento do ser humano**

Vivendo nós na União Europeia com vinte e sete países estados membros e já com ideias de um maior alargamento a mais países, será cada vez mais importante e necessário falar e pensar na introdução do ensino de línguas estrangeiras, logo nos primeiros anos de escolaridade. O Conselho da Europa resolveu assim lançar, em 1989, o projecto “Language Learning for European Citizenship”, o qual tinha como uma das maiores prioridades essa mesma introdução precoce das línguas estrangeiras. Aquilo que se queria e quer privilegiar é a promoção da comunicação interpessoal e intercultural entre os povos europeus. Segundo as recomendações do Conselho da Europa (1997), todo o cidadão europeu deveria dominar pelo menos duas línguas estrangeiras. Todos nós devemos, assim, estar a trabalhar para a construção de uma Europa plurilingue e pluricultural.

Esta construção será, então, feita a partir de competências linguísticas e culturais que são promovidas pela intercompreensão, competências estas que poderão assumir-se como uma resposta às necessidades comunicativas subjacentes às interacções culturais.

A intercompreensão é a capacidade que qualquer pessoa tem de aceder ao sentido de novos dados verbais através da promoção de estratégias de descodificação baseadas no conhecimento que tem da sua língua materna como das línguas já estudadas ou com as quais já contactou (Alves, WEB).

Esta temática, ligada ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, associa-se aos seguintes aspectos: à sensibilidade da diversidade linguística; à compreensão plurilingue; às estratégias de compreensão de novos dados verbais; à proximidade e distância entre as línguas; à educação intercultural; ao recurso à Língua Materna e/ou a outras Línguas Estrangeiras.

Porém, não se torna muito fácil de determinar uma definição clara e simples do conceito de intercompreensão, uma vez que levanta uma série de questões complexas, não sendo, contudo, impossível de o fazer. Assim sendo, podemos salientar a definição que Dubois (1994) deu a este conceito, isto é,

*“on appelle intercompréhension la capacité pour des sujets parlants de comprendre des énoncés émis par d’autres sujets parlants appartenant à la même communauté linguistique. L’intercompréhension définit l’aire d’extension d’une langue, d’un dialecte ou d’un parler.”*

Todavia, desenvolver a competência de intercompreensão significa preparar-se para uma mobilidade, diversidade e respeito por outras línguas e culturas, tendo sempre em mente que apenas haverá um maior e melhor conhecimento ou uma compreensão e disponibilidade mais livre e positiva quanto às línguas, se houver uma preparação para essa mobilidade e para essa aceitação e compreensão do outro/desconhecido. Esta preparação assenta numa intensificação de trocas linguísticas e culturais, capaz de fazer emergir uma cidadania europeia e mundial.

Podemos, então, afirmar que a competência de intercompreensão nunca se encontra isolada, uma vez que está sempre presente uma diversidade linguística e cultural, havendo uma influência constante entre elas.

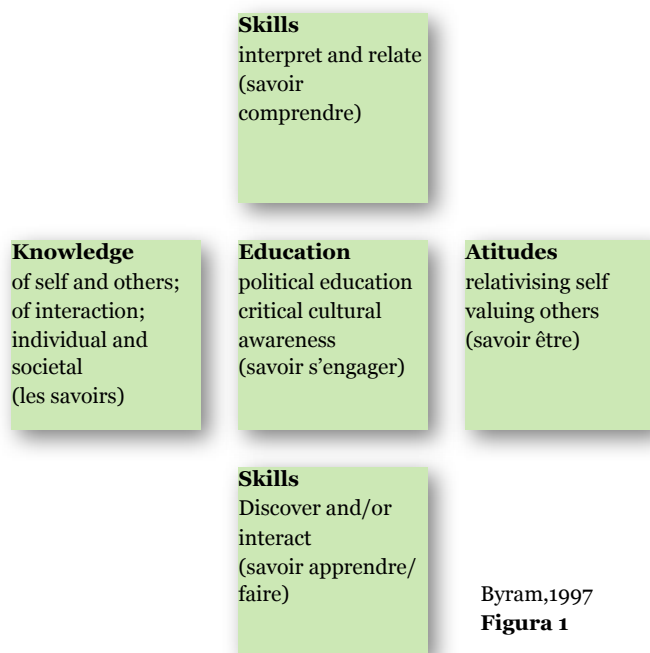
Estas competências linguísticas e culturais de uma língua, modificadas pelo conhecimento de uma outra, contribuem para uma consciencialização, uma capacidade e uma competência de realização intercultural. Ao mesmo tempo, o aprendente desenvolve uma personalidade mais complexa, uma maior capacidade de aprendizagem linguística, bem como uma maior abertura a novas experiências culturais.

No Conselho da Europa, aponta-se para dar mais ênfase ao ensino das línguas e culturas com o objectivo de haver um maior suporte numa participação activa dos cidadãos na construção de uma comunidade intercultural e plurilingue, onde a diversidade consiga co-existir com a internacionalização. Tal compromete ensinar línguas a mais indivíduos como também diversificar as línguas já ensinadas, de forma a valorizar ao máximo as culturas e as identidades de todos. Byram (1997) argumenta que é fundamental “the integration of teaching for intercultural communication within a philosophy of political education, and the development of learners’ critical cultural awareness, with respect to their own country and others.”

Ao fazer uma confrontação destes pontos com o nosso contexto escolar, Moreira (2002) afirma que se pode presenciar que não se trata de uma realidade no nosso quotidiano, uma vez que os professores continuam a não dar importância à cultura-alvo, mas antes à aquisição da língua, no que diz respeito às suas regras gramaticais, compreensão e produção linguística.

Um erro que se comete frequentemente é o facto de os professores valorizarem um estado idealizado de competência de falante nativo a nível linguístico e comportamental, o que coloca a diversidade linguística e cultura bastante distante da realidade escolar.

Byram (1997) defende que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira é essencial para a formação e desenvolvimento de um comunicador intercultural, destacando a urgência de fazer emergir a comunicação intercultural na educação linguística (cf. Byram, 2001). O mesmo autor destaca quatro factores do processo de aquisição da competência de comunicação intercultural e de mediação de interacções entre indivíduos, isto é, atitudes, conhecimentos, capacidades de interpretação e relacionamento, bem como as competências de descoberta e interacção (Figura 1).



Um comunicador intercultural deverá, por assim dizer, saber respeitar, aprender e apreciar a unicidade de cada povo e cultura para poder estabelecer uma comunicação saudável e bem sucedida. Como já atrás referimos, a cultura está constantemente associada à língua, logo também esta precisa de ser ensinada e aprendida devidamente, uma vez que esta facilita a negociação de saber entre as diferentes línguas. Além disso, este tipo de ensino-aprendizagem só enriquecerá o aprendente.

Destaca-se, então, aqui o ponto do plurilinguismo, que valoriza a diversidade linguística e fomenta a aprendizagem de várias línguas de forma a ajudar os aprendentes

*“a construir a sua identidade cultural e linguística através da integração nessa construção da experiência diversificada do outro; e desenvolver a sua capacidade para aprender, através dessa mesma experiência diversificada de relacionamento com várias línguas e culturas”*  
(Conselho da Europa, 2001).

A competência plurilingue tem a ver com um alargado repertório linguístico, que permitirá ao indivíduo ser capaz de comunicar e compreender mensagens num determinado contexto que se constrói pela presença de mais de uma língua. Não convém esquecer que a competência plurilingue é dinâmica e que nela reequaciona sistematicamente a relação entre as diferentes línguas e culturas, para que uma aprendizagem de novos dados verbais não seja vista como uma perda de identidade, mas sim como algo enriquecedor (Andrade, 2003).

Já Cook (2001) afirmou que os plurilingues vêm a sua língua materna de modo diferente, uma vez que são mais conscientes metalinguisticamente e mais capazes de resolverem problemas comunicativos, isto é, possuem uma maior flexibilidade cognitiva e consciência metalinguística, metacomunicativa e metalinguística.

Segundo o Conselho da Europa, é cada vez mais importante inserir esta diversidade linguística nas práticas curriculares, uma vez que já existe uma crescente mobilidade humana e uma enorme necessidade de preparar o indivíduo para uma comunicação global, dando-se valor à promoção do plurilinguismo como uma competência

(cf. Beacco & Byram, 2003).

Neste sentido, é necessário dar cada vez mais ênfase à reorganização do currículo educativo, de forma a preocupar-se mais “em fazer do sujeito, não um bilingue perfeito, mas alguém dotado de uma competência plurilingue” (Andrade & Araújo e Sá, 2001). Isto é, não se trata de alcançar uma mestria em uma, duas ou mais línguas para ser um “falante nativo ideal”. A finalidade será antes passar por um desenvolvimento de um repertório linguístico, no qual se apresentam todas as capacidades linguísticas.

Convém salientar, a partir das palavras de Andrade & Araújo e Sá (2001), que a competência plurilingue

*“é relativamente autónoma face aos conteúdos e materiais escolares, já que se estrutura e evolui para além da escola, noutros contextos que são os contextos de vida e de formação dos próprios sujeitos, afirmando-se como uma competência plural, evolutiva e flexível, necessariamente desequilibrada e aberta ao enriquecimento de novas competências em função de novas experiências verbais.”*

O desenvolvimento da competência plurilingue pressupõe, então, uma comunicação com o Outro no desenvolvimento das necessidades comunicativas específicas de uma interação que engloba um entendimento da alteridade (Figura 2). Além disso, engloba ainda uma compreensão mútua e um processo de negociação de actos de comunicação de forma a aproximar um determinado sujeito do Outro (cf. Cruz, 2005).



Figura 2

Contudo, não se pode separar as competências de comunicação intercultural e plurilingue, uma vez que ambas são pontos fulcrais no desenvolvimento do ser humano, no que diz respeito às suas capacidades linguísticas e culturais. Estas capacidades contribuem para que esse indivíduo encare o desconhecido de uma forma aberta e aceite todas as suas diferenças.

A aquisição de uma competência plurilingue e de uma comunicação intercultural inclui um desenvolvimento de um conjunto de competências que permitem ao indivíduo não só situar-se na sua identidade e pertença cultural, como ainda pode gerir momentos de descoberta e partilha a partir do seu repertório linguístico-comunicativo, que constituem actos de sucesso de comunicação. (cf. Conselho da Europa, 2001)

É, pois, fundamental que haja uma participação activa dos cidadãos na construção de uma comunidade intercultural e plurilingue, onde a diversidade linguística e cultural consiga “conviver” internacionalmente.

.....

## 2. Estratégias de promoção duma competência germânica

Figura 3



A sensibilização para a língua estrangeira no 1º Ciclo do Ensino Básico deve ser sempre baseada mais na oralidade e na realização de actividades lúdicas, para desta forma cativarmos o interesse e o gosto do aprendente em adquirir uma nova língua. Como professores devemos permitir aos nossos aprendentes, na sala de aula, a participação em projectos comunicativos que impliquem um uso vivo da língua estrangeira e estabelecer e desenvolver uma relação afectiva com a mesma. Devemos igualmente, de uma forma construtiva e de entreajuda, ajudar os nossos aprendentes nos problemas que possam sentir na aquisição desta mesma língua.

Será, desta forma, necessário estabelecer e criar diferentes estratégias para que possamos trabalhar num agradável ambiente de aprendizagem. A sensibilização à diversidade linguística e cultural exige da parte dos professores, que estes dêem oportunidade aos aprendentes de se envolverem em actividades e actos comunicativos que lhes irão proporcionar vivências estimulantes. É, por isso, absolutamente necessário, nesta faixa etária, promover o desenvolvimento de competências estratégicas, quer no plano comunicativo quer no plano do saber-aprender.

São inúmeros os materiais, as estratégias e as actividades que podemos desenvolver nas nossas aulas, desde o uso de "flashcards", realia, recursos multimédia (CD's DVD's, vídeos, apresentações de PowerPoint, a Internet), canções, rimas, trava-línguas, contos infantis, dramatizações, o uso das novas tecnologias, os jogos didácticos, o uso de um 'Puppet', o portfolio, etc. Este tipo de materiais e actividades permitem-nos estabelecer com os aprendentes uma relação mais harmoniosa e divertida com aquilo que lhe é estranho e, desta forma, conseguimos que o aprendente se familiarize com os sons e vocábulos que lhe são apresentados pela primeira vez.

As actividades e os materiais, que elaborámos para usar nas nossas aulas, no âmbito do nosso projecto, tiveram como objectivo principal fomentar o desenvolvimento da competência de intercompreensão nunca esquecendo a competência de comunicação intercultural e plurilingue. A nossa investigação foi realizada na E.B. 1 de Bouça-Cova, em Lustosa, que pertence ao concelho de Lousada e seleccionámos uma turma do terceiro ano, que iniciou no passado ano a aprendizagem de inglês como língua estrangeira.

Criámos para os nossos aprendentes uma ficha diagnóstica (Figura 3), na qual nos foi possível analisar os conhecimentos dos nossos aprendentes, no que respeita a existência de diferentes culturas e línguas a nível europeu. Foi-nos possível constatar que, na sua maioria, os aprendentes conheciam duas ou mais línguas tal como já tinham visitado no mínimo dois países. Durante o preenchimento da ficha diagnóstica estes foram apresentando as suas experiências linguísticas e culturais, tal como se pode verificar na transcrição que se segue:

<b>SQ1</b>		
<b>Experiências vivenciadas pelos aprendentes</b>		
1	Al1	Oh teacher, eu sei falar espanhol.
2	P	O que é que sabes em Espanhol?
3	Al1	Cor-de-rosa é <i>rosita</i> e idiota é <i>idiota</i> .
4	P	Quem é que te ensinou?
5	Al1	“Idiota” foi num filme e “cor-de-rosa” foi o meu pai.
6	Al2	Eu tenho um primo que foi à França. Ele quando vai comer à minha avó, ele fala francês e também ensina.
7	P	E percebes o que é que ele diz?
8	Al2	Mais ou menos.
9	P	E o que é que ele te ensina? O que é que ele te disse?
10	Al2	<i>Como tu t'appelles?</i>
11	Al3	Oh, isso já disse eu.
12	P	Pronto, ela também sabe.

Analisámos com os aprendentes diferentes imagens, nomeadamente do pequeno-almoço de Alemanha, Inglaterra, Holanda e Portugal (Figura 4), avaliando assim a existência de hábitos alimentares diferentes dentro de países do mesmo continente.

Tendo em conta a temática do nosso projecto, resolvemos apresentar aos nossos aprendentes algumas palavras em Inglês, Alemão e Neerlandês, para nesta forma se aperceberem das semelhanças existentes entre estas. Alguns exemplos apresentados foram o Good morning / Guten Morgen / Goede Morgen; three / drei / drie entre outros.

Total Physical Response (TPR)<sup>2</sup> foi o método que utilizámos para a introdução do vocabulário do corpo humano. A nossa intenção foi a sensibilização às línguas germânicas, isto é, os aprendentes levantaram-se dos seus lugares e através de gestos identificaram quais os movimentos a realizarem, mesmo não conhecendo ainda a língua alemã e neerlandesa. Este foi o seu primeiro contacto com outras línguas germânicas e no qual lhes foi possível aperceberem-se de várias semelhanças entre as três línguas.

De seguida, os aprendentes realizaram um exercício, no qual tinham diferentes vocábulos sobre o corpo humano nas três línguas germânicas. Tendo em conta que o que nós pretendíamos era que eles, mais uma vez, reconhecessem as grandes semelhanças entre estas mesmas línguas (optámos por não os ajudar nesta actividade). Como tinham já sido confrontados com o exercício anterior das semelhanças linguísticas entre estas línguas, foi-lhes muito fácil terminar esta tarefa, tal como se pode verificar na transcrição que se segue:

---

<sup>2</sup> TPR é um método desenvolvido por Dr. James J. Asher, em que os aprendentes não são obrigados a falar até que eles estejam prontos. Isso pode levar dias, semanas ou mesmo meses. Durante este período os aprendentes ouvem e adquirem uma nova língua; o entendimento e a compreensão são demonstrados através de respostas físicas não-verbais (WEB).

**SQ 4 – Atividade do Corpo Humano**

63	P	Temos, então, o corpo humano. E agora o que eu quero que vocês façam é o seguinte. Eu vou querer saber se repararam se as palavrinhas estão nas três línguas. In English, não é? Mais?
64	Als	Holandês.
65	P	Dutch, Holandês, and?
66	Al11	Alemanha.
67	P	Alemão, German. E o que eu queria saber... algumas partes do corpo. Por exemplo, Rui consegues já tentar descobrir onde estão os olhos?
		(...)
68	P	O que é que vocês acham? É parecida... diferente?
69	Als	Parecida.
70	P	As três línguas?
71	Als	Sim.
72	P	E acham que é fácil?
73	Als	Sim.
74	P	Gostavam de aprender o Alemão?
75	Als	Sim.
76	P	E Holandês?
78	Als	Sim.
79	P	Qual é que acham mais parecida uma com as outras?
80	Al11	O das mãos.
		(...)

Para comprovarmos se os aprendentes conseguiram adquirir algum conhecimento a partir destas actividades, realizámos uma ficha de trabalho

(Figura 5) em que deveriam de aplicar o vocabulário trabalhado anteriormente. Nesta ficha pretendia-se, no primeiro exercício, que os aprendentes agrupassem numa tabela as palavras do corpo humano nas três diferentes línguas. No segundo exercício tiveram que pintar um pequeno monstro, sendo que as indicações referentes às partes do corpo humano estavam igualmente nas três línguas germânicas.

O passo seguinte para os nossos aprendentes foi elaborar um desenho (Figuras 6/7), no qual criaram o seu próprio monstro e o legendaram com a(s) língua(s) que mais gostaram. Na sua maioria os aprendentes optaram por legendar o seu desenho nas três línguas.







Após todas estas actividades desenvolvidas com os nossos aprendentes, trabalhámos com os uma canção holandesa intitulada “Tsjoe Tsjoe Wa”, que se encontra disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=yVSfPoEHhG8><sup>3</sup>, a qual todos cantaram acompanhando com gestos.

De forma a conseguirmos que os aprendentes tomassem consciência dos conhecimentos linguísticos e culturais em diferentes línguas, optámos por introduzir, na nossa última aula, uma página do Portfólio<sup>4</sup> intitulada Intercultural Understanding. O uso deste instrumento traz-nos uma mudança de paradigma, isto é, há uma passagem de um paradigma de ensino a um paradigma de aprendizagem<sup>5</sup> (cf. Coelho & Campos, 2003).

Através do portfólio, o professor poderá detectar dificuldades existentes no aprendente, podendo desta forma ajudá-lo no seu crescimento intelectual e no seu percurso escolar.

Uma das ideias principais do uso do portfólio é de consciencializar e sensibilizar o aprendente de respeitar e valorizar as diferenças linguísticas e culturais. O portfólio é, assim, algo individual, exclusivo e reflecte o «eu-afectivo» de cada aprendente. Contudo, através do preenchimento da referida página do Portfólio, foi possível aos nossos aprendentes analisar, por eles próprios, o que aprenderam ao longo destas quatro aulas.

As reacções dos nossos aprendentes foram bastante variadas, enquanto que uns prontamente coloriram os seus “Speech Bubbles”, outros apenas coloriram metade ou apenas um canto, uma vez que tinham consciência que ainda precisavam de mais algum tempo para melhorar. De seguida, apresentamos, então, algumas sequências relativas a diálogos que se estabeleceram aquando do preenchimento dessa página do Portfólio:

<sup>3</sup> Disponível na Internet em 22 de Janeiro de 2009.

<sup>4</sup> O portfólio é um instrumento de regulação e de avaliação que visa desenvolver diferentes competências, o que vai implicar na autonomia do aprendente na sua relação com o saber.

<sup>5</sup> O papel do professor passará a ser de motivador, orientador e consolidador das aprendizagens. O aprendente, por sua vez, passará a ter uma maior responsabilidade na sua aprendizagem. Esta responsabilidade centra-se no facto de ser o próprio aprendente a construir a sua colecção de trabalhos na qual está implícita o seu esforço, o seu progresso e a sua realização em diferentes domínios.

**SQ 5**

***I can name several different languages***

81	P	O.K. Now, eu vou-vos dar uma fichinha e esta fichinha vai fazer parte do vosso Portfolio. O Portfolio é o quê? O Portfolio é como se fosse um passaporte de línguas, está bem? Neste Portfolio vai estar tudo o que vocês acham importante de tudo o que fizeram e vão fazer nas aulas de Inglês. Agora vamos ver o que vocês já sabem depois destas três aulas. Vamos ver o que diz em cada <i>bubble</i> e depois conforme se sabem ou não vamos pintar essa bolinha, está bem? (...) "I can name several different languages." Sei dizer várias diferentes línguas. Yes or no?
82	Als	Yes
83	P	Quais?
84	Als	Holandês.
85	P	Dutch.
86	Als	Inglês.
87	P	English.
88	Als	E Alemão.
89	P	German and?
90	Als	Português.
91	P	Portuguese. Colour it!

**SQ 7**

***I know how to greet someone politely in at least two languages***

94	P	O.K. "I know how to greet someone politely in at least two languages." Eu sei cumprimentar alguém com educação pelo menos em duas línguas.
95	Als	Sim.
96	P	Sabem dizer Good morning...?
97	Als	Good afternoon. Good evening. Good night. Hello e Goodbye.
98	P	E noutras línguas?
99	Al8	Alemão e em ...
100	Al5	Vaarwell
101	P	Vaarwell. Good Márcia!
102	Al6	Hallo
103	Al11	Alemão. Guten Morgen
104	P	Hallo. Guten Morgen. Good!

**SQ 11 – I have learned about some traditional celebrations at home and abroad**

140	P	Ao lado diz assim “I have learned about some traditional celebrations at home and abroad.” Significa que vocês aprenderam alguma coisa sobre festas tradicionais de outro país e do nosso.
141	Als	Sim.
142	Al13	Demos no Estudo do Meio aquilo que tem tradições, festas, eles a dançar...
143	Al5	Ah!
144	P	Então vamos pintar.

Podemos, desta forma, concluir que os nossos alunos ficaram bastante entusiasmados com estas quatro aulas sobre as línguas germânicas e no preenchimento da tal página do Portfolio verificámos, para além da existência da competência de intercompreensão, uma interdisciplinaridade com Estudo do Meio, o que surgiu espontaneamente por parte dos nossos aprendentes.

**Conclusões**

Após a implementação das nossas estratégias na sala de aula, foi-nos possível verificar que os nossos aprendentes desenvolveram um gosto ainda maior em conhecer e descobrir curiosidades sobre outros países que não Portugal. De facto, a necessidade permanente das pessoas interagirem com o Outro, quer a nível pessoal quer a nível profissional, leva-nos à aprendizagem de novas línguas e culturas.

No nosso trabalho constatámos que facilmente podemos sensibilizar para diferentes línguas estrangeiras no 1º Ciclo do Ensino Básico. Tendo em conta que estamos a trabalhar com crianças desta faixa etária, é-lhes mais fácil adquirir e compreender outras línguas estrangeiras. Concordamos com Harpaz, quando refere que

*“Humans are born with an ability to comprehend and generate all kinds of phonemes, but during childhood (starting from birth, and maybe before) this ability is shaped by experience such that only the phonemes of the native language are easily comprehended and generated. In adults, these abilities are much less plastic, so adult learners of new language find it especially difficult to comprehend and generate the phonemes of the new language that are not used in their native language.”*

*(Harpaz, 2003:WEB).*

Tendo em conta os resultados obtidos no final das nossas aulas (que pudemos verificar com o preenchimento da página do Portfólio), podemos afirmar que as estratégias e os materiais que foram escolhidos por nós foram bem sucedidos. Conseguimos, desta forma, desenvolver de uma forma natural a capacidade de intercompreensão dos nossos aprendentes, isto é, foi-lhes possível desenvolver, apenas em quatro aulas, a sua competência comunicativa intercultural e plurilingue. O facto de ter existido igualmente uma partilha entre eles, no que diz respeito às suas experiências vivenciadas fora do contexto escolar, foi igualmente positivo.

Todo o material foi elaborado e criado sempre com a intenção de manter os nossos aprendentes motivados e que, acima de tudo, lhes trouxesse um maior enriquecimento quer a nível do seu conhecimento intercultural como plurilingue.

### **Bibliografia**

Alves, S. Eu & I – European awareness and intercomprehension: Um desafio Europeu, disponível em <http://www.ipv.pt/millennium/millennium33/7.pdf> (consultado em 1 de Outubro de 2008).

Andrade, A. & Araújo e Sá, M. (2001). “Para um diálogo entre as línguas: da sala de aula à reflexão sobre a escola”. In Inovação, Ano Europeu das Línguas.

Andrade, A. & Sá, C. (2003) Formação de professores (Cadernos Didáticos): A Intercompreensão em contextos de formação de professores de línguas: algumas reflexões didáticas: Intercompreensão: conceito e utilidade no processo de ensino/aprendizagem das línguas. Aveiro: Universidade de Aveiro, Centro de Investigação Didáctica e Tecnologia na Formação de Formadores.

Byram, M. (1997). Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence. London: Multilingual Matters.

Byram, M. (2001). European language teaching and European citizenship: a special case. National Conference of Lend. Calabria: Universidade de Calabria.

Beacco, J.-C.; Byram, M. (2003) Guide pour l'élaboration des politiques linguistiques éducatives en Europe – de la diversité linguistique à l'éducation Plurilingue. Strasbourg : Conseil de l'Europe.

Coelho, C. & Campos, J. (2003). Como abordar... O Portfolio na sala de aula. Porto: Areal Editores.

Council of Europe (1997). Language Learning for European Citizen: Final Report (1989-96). Strasbourg: Council of Europe.

Conselho da Europa (2001). Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação. Porto: Edições ASA.

Cook, V (2001). “Using the first language in the classroom”, In The Canadian Modern Language Review.

Cruz, M. (2005). O cibercomunicador intercultural: imagens das línguas em chat plurilingue. Aveiro: Universidade de Aveiro (Tese de Mestrado).

Cruz, M. & Cruz, M. (2006). A intercompreensão no ensino precoce de língua espanhola: um estudo de caso, in Saber (e) Ensinar. Porto: ESE de Paula Frassinetti.

Dubois, J. et al (1994). Dictionnaire de Linguistique. SP: Editora Cultrix.

Globe English Consultants. Glossary of Terms, disponível em [http://globeenglishconsultants.com/index.php?option=com\\_content&view=article&id=54&Itemid=72](http://globeenglishconsultants.com/index.php?option=com_content&view=article&id=54&Itemid=72) (consultado em 6 de Janeiro de 2009).

Harpaz, Y. (?). Myths and misconceptions in cognitive science. Human cognition in the human brain, disponível em <http://human-brain.org/myths.html> (consultado em 26 de Junho de 2008).

Moreira, G. (2002). A dimensão cultural, intercultural e pluricultural de aula de língua estrangeira: relação com a “intercompreensão”. Aveiro: Universidade de Aveiro, Departamento de Línguas e Culturas.

Oliveira, L. P. (2000). Escolhas pedagógicas do educador e identidade cultural dos aprendizes. Linguagem e Ensino. Vol. 3, n° 2.

Strecht-Ribeiro, J. (1998). Línguas Estrangeiras no 1º Ciclo – Razões, Finalidades, Estratégias. Lisboa: Livros Horizonte.